

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Pietra de Lima Becker

**NÃO CONSIGO ESCREVER UM TCC
(ISTO É APENAS UM ENSAIO)**

Porto Alegre

2020

Pietra de Lima Becker

NÃO CONSIGO ESCREVER UM TCC (ISTO É APENAS UM ENSAIO)

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientação: Prof^a Dr^a Oriana Holsbach Hadler

Porto Alegre

2020

No universo acadêmico, as escritas marginalizadas, aquelas que não sabemos categorizar, acabam por ser consideradas como ensaios. “Formas híbridas, impuras, ambíguas”¹. O ensaísta está disponível a se entusiasmar, como criança sem vergonha, com tudo aquilo que já foi feito pelos outros², sem apagar as emoções e evocações de suas palavras. “Alguém que está aprendendo a escrever cada vez que escreve, e aprendendo a ler cada vez que lê”³. Pois bem, vou ensaiar. *Mas, Pietra, sobre o que trata o seu ensaio?* Eu não sei. Cada um está livre para tirar as suas conclusões. Veja e descubra por si mesmo. Depois, me conte.

Não tenho como situar, precisamente, onde e quando comecei a pensar sobre a temática do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em psicologia. *Precisa ser algo socialmente relevante, fazer sentido na sua vida e trajetória pessoal, se mostrar inovador, ter um questionamento e possíveis respostas, ser sua obra prima* - essas foram as considerações mais recorrentes que ouvi outras pessoas dizerem. Tive muitas ideias: a importância da função fraterna, as relações afetivas entre mulheres na literatura brasileira, a autonomia na sexualidade feminina, a ausência da educação sexual nas escolas do Brasil. Todas eram instigantes. Sendo a última ideia a escolha definitiva, com a qual consegui avançar no processo de pesquisa e escrita, apesar de, praticamente, não ter tido orientação docente. Naquela época, já havia muitos sinais de resistência da minha parte. Resistência ao modelo clássico de monografia? À reprodução de artigos científicos? À possibilidade de fracasso? A produção de um TCC parecia uma tarefa quase impossível de ser concluída. Com o passar do semestre, conversando com colegas, percebi que alguns também enfrentavam as mesmas dificuldades. Mas eu já havia escrito tantos trabalhos acadêmicos até então, o que me impedia de fazê-lo novamente? Em busca de alguma motivação palpável, atrelei a entrega do TCC à formatura (o que pode soar óbvio). Entenda-se por formatura não apenas a finalização do curso e sim, todo o simbolismo envolvido, assim como a solenidade e sua preparação. Ainda assim, já vinha me questionando internamente: *Que marca você quer deixar na Universidade? O que estará atrelado ao seu nome assim que você for embora?*

¹ LARROSA, 2003, p. 103

² ADORNO apud LARROSA, 2003

³ LARROSA, 2003, p. 108

Sumário

1. *Eis que, transcorridos seis anos incompletos do curso de graduação em psicologia, é chegado o momento do epílogo.*
2. *Sou incapaz de produzir.*
3. *Minha autopunição é a insônia.*
4. *O pior sujeito é aquele que não produz.*
5. *O que eu desejo, afinal?*
6. *Não tenho certeza do que esperam de mim, mas tenho certeza de que estou indo no caminho oposto ao que quer que seja.*
7. *O tempo do processo criativo é necessário e indefinido.*
8. *O tempo das pernas - e o tempo das mãos - foi substituído pelo tempo das máquinas. Novos parâmetros para os tempos viajantes.*
9. *Estou cercada de relógios que me lembram da passagem do tempo.*
10. *Temos dias úteis. E dias inúteis? (In)úteis para quê? Para quem?*
11. *Produzir a si mesmo.*
12. *Não quero pensar a depressão como diagnóstico, mas como comportamento de resistência perante o sucesso inatingível.*
13. *Um brinde a todos que tiveram a coragem de desistir. Desistir também é resistir.*
14. *Procrastinadores, uni-vos.*
15. *Os finos fios que sustentam e manipulam as ações das marionetes, com o tempo, podem se desgastar e arrebentar.*
16. *Não possuo em minhas mãos outro material senão a memória.*
17. *O imprevisto é momento de improviso.*
18. *Abertura ao desconhecido, exposição ao perigoso, foco no inesperado, contraste do tédio, saturação da loucura.*
19. *me entrego.*

Nota ao leitor: é importante ressaltar que, apesar de ter adotado a narração no *tempo presente*, este ensaio foi escrito posteriormente aos acontecimentos pandêmicos iniciais aqui relatados.

“É preciso permitir a existência de lugares para a impossibilidade das palavras, assim como lugares de pergunta e de convite. Haveria aí um jogo entre nomear e deixar de nomear, perguntar e deixar de perguntar, falar e calar”

Ana Carolina Rios Simoni & Simone Moschen Riques

Eis que, transcorridos seis anos incompletos do curso de graduação em psicologia, é chegado o momento do epílogo. E eu me vejo paralisada. Ao final desta narrativa, qual será o meu destino? Estou perdida. Após, dentre tantas ideias ordinárias ou mirabolantes, ter conseguido escolher um caminho possível de pesquisa e escrita acadêmica, uma urgência global salta aos olhos. E fecham-se as portas e janelas de casa. Os prazos, os planos, as cobranças, as atividades mais essenciais e mais banais são congelados. E, com isso, quaisquer perspectivas de futuro premeditadas se dissolvem em minhas mãos.



há muito tempo eu não me escuto. algo dentro de mim se rompeu. (troco em bala)

“Este sentimento de incerteza, como também os limites impostos pelas medidas preventivas de isolamento social, havendo a chance de alterações nos planos futuros de modo drástico, além da separação brusca do ambiente social ou familiar do indivíduo, se tornam catalisadores constantes para o surgimento de sintomas de ansiedade e até mesmo depressão”⁴.

⁴ RAMÍREZ-ORTIZ et al. *apud* PEREIRA, OLIVEIRA & PEREIRA et al., 2020, p. 16

Todo o apanhado bibliográfico temático sobre o qual me debrucei por meses? Por ora, perde o sentido. “Mudança brusca no estilo de vida, levando a irritabilidade, hábitos alimentares não saudáveis ou perda de apetite, sentimento de culpa, e a perda de interesse por realizar atividades e hobbies, que antes eram prazerosos”⁵. Levantar da cama. Trocar a roupa. Chamar o cachorro. Colocar a máscara. Abrir a porta do apartamento. Trocar os calçados. Colocar a coleira e a guia no cão. Descer as escadas. Abrir a porta do prédio. Tensão. Desvios. Olhares. Desencontros. Voltar. Fechar a porta do prédio. Pegar o jornal na caixa de correio. Ler, brevemente, as manchetes da capa. Subir as escadas. Retirar a coleira e a guia do cão. Higienizar as patas do cachorro com álcool em gel. Trocar os calçados. Higienizar as mãos com álcool em gel. Fechar a porta do apartamento. Retirar a máscara. Lavar a máscara e as mãos na pia do banheiro. Olhar para o espelho. Respirar. O caminho até a faculdade para as aulas e supervisões, o deslocamento das paisagens urbanas vistas da janela do ônibus, a chegada no estágio para operar foram trocados por reclusão social em tempo integral – a ausência de delimitação de horas e espaços para o estudo e o trabalho explicitam minha alienação às ordenações externas e minha falta de autonomia para ser malabarista de minhas ações rotineiras.



um Deus que prometia tudo. será que ele não me escolheu? (troco em bala)

⁵ CETRON & SIMONE; WANG et al. *apud* PEREIRA, OLIVEIRA & PEREIRA et al., 2020, p. 17

Sou incapaz de produzir. E, portanto, indigna de vir a receber um documento que testemunhe que concluí com sucesso o primeiro grau universitário. Mergulho num tempo, outrora já experimentado, “infernamente longo diante da falta de perspectivas em relação ao devir, ou curto demais, perante a demanda urgente do Outro”⁶. Sim, apesar da névoa por tempo indeterminado, a demanda insiste. Com a incapacidade de produzir, sou tomada pela culpa. “Um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e (...) delirante expectativa de punição”⁷. **Minha autopunição é a insônia**, já que o sono é a recompensa daqueles que se esforçaram e merecem o descanso. Estou num ciclo retroalimentar. Culpo-me por não produzir, não durmo por me sentir culpada, sinto-me fracassada por nem ao menos descansar e não tenho energia para sair desse novelo que vai se enredando com o passar dos dias, das semanas.



meu coração bate sem saber que meu peito é uma porta que ninguém vai atender. (arnaldo antunes)

⁶ KEHL, 2009, p. 106

⁷ FREUD, 1917/2010, p. 172

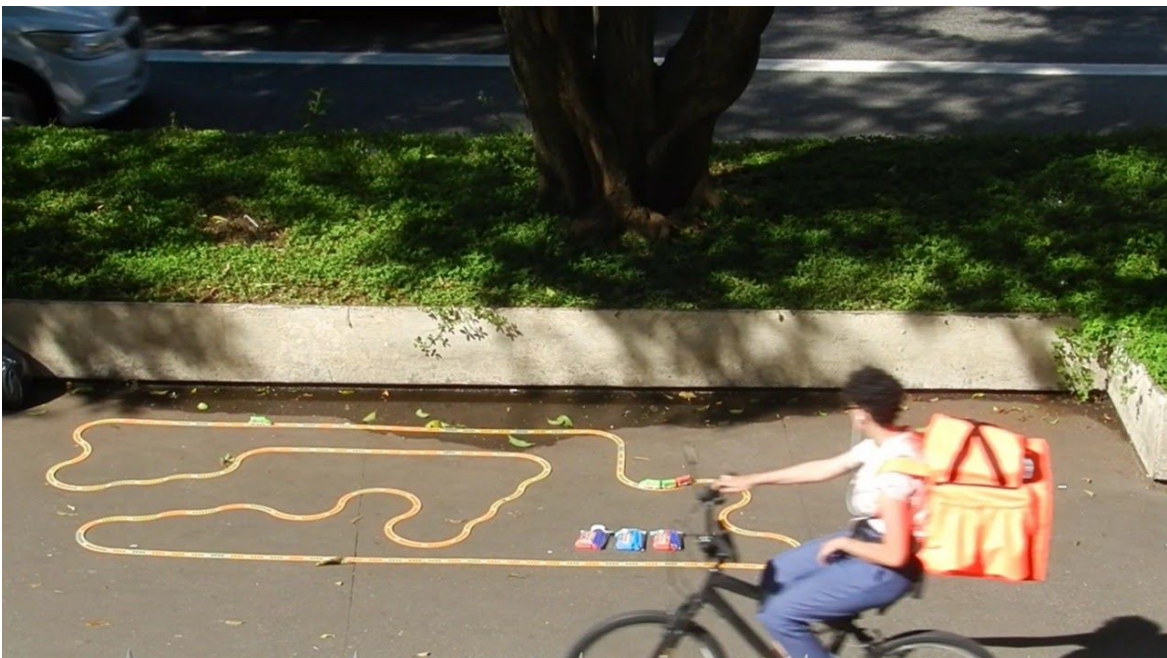
“A insônia, na melancolia, atesta provavelmente a rigidez do estado, a impossibilidade de cumprir a retirada geral de investimentos que o sono requer”⁸. Perda de um objeto amado? Perda de um ideal? Perda inconsciente? Abstrata. “Depressão é o nome contemporâneo para os sofrimentos decorrentes da perda do lugar dos sujeitos junto à versão imaginária do Outro”⁹. Se não produzo, sou inútil. Inútil à sociedade. Inútil diante de minha própria existência. A depressão é o mal-estar do capitalismo. Inutilidade. Anti-productivismo. **O pior sujeito é aquele que não produz.** Aquele que não consome, sequer sujeito é.

ca.pi.ta.lis.mo - substantivo masculino

1 ECONOMIA Influência ou supremacia do capital.

2 SOCIOLOGIA Organização econômica em que as atividades de produção e distribuição, obedecendo aos princípios da propriedade privada, da competição livre e do lucro, produzem uma divisão da sociedade em duas classes antagônicas, porém vinculadas pelo mecanismo do mercado: a dos possuidores dos meios de produção e a do proletariado industrial e rural.¹⁰

Atenção, não se esqueça de tomar sua pílula o mais rápido possível!



vai trabalhar, vagabundo! vai trabalhar, criatura! Deus permite a todo mundo uma loucura. (chico buarque)

⁸ FREUD, 1917/2010, p. 186

⁹ KEHL, 2009, p. 49

¹⁰ MICHAELIS

“Quando ela (*a depressão*) dura muito tempo ou sua intensidade vai de moderada ou grave, ela pode se tornar um problema sério de saúde, afetando a produtividade do paciente no trabalho, na escola e na família. (...) De acordo com a OMS (*Organização Mundial da Saúde*), análises econômicas mostram que prevenir ou tratar a depressão logo no início têm *ótimos custo-benefícios para a sociedade*”¹¹. Você não quer prejudicar a mais-valia, não é mesmo? Tire a sua dor do caminho que eu quero passar com o meu labor. A frustração é maior que o abatimento. Emprego minhas forças restantes na busca por recomendações de psiquiatras, medicações e estratégias que possam me salvar da desesperança em que me afundo. As recomendações vêm com a agilidade da preocupação alheia diante de minha inatividade. São das mais variadas. E, apesar de minha confiança em sua possível efetividade, algo em mim (muito mais forte) resiste a todas. Depois de tantos anos de construção de um olhar profissional crítico, não poderia estar mais ciente de que “as estratégias de expansão da indústria farmacêutica (...) difundem uma versão patológica e medicalizável de todas as formas de inquietação, oscilação de ânimo e inadaptação à norma que caracterizam a vida e a vitalidade psíquicas”¹². Ainda assim, é difícil deixar-se perder o controle.



das feridas, das queridas despedidas de quem sentiu todos os momentos. (zé miguel wisnik)

¹¹ MEDLEY

¹² KEHL, 2009, p. 53

Calma. Consegue reparar que não é perda de tempo parar para pensar? Por horas, por dias que seja, talvez meses. Olha para o seu corpo. Você tem cuidado dele? Ao menos tentado? Apesar de vir se enganando por tantos anos, esse *tempo-sem-tempo* nunca foi o seu. Tira os olhos dos ponteiros, deixa eles girarem. Gira junto se quiser. Mova-se. Passos que não te levam a lugar algum. Aceito a pausa forçada das atividades presenciais previstas para o ano. Com a lenta dissipação da culpa, a mente volta a permitir o sono. E o sonhar. Com a imersão mais profunda na *experiência* do isolamento social, abre-se espaço para recapitular antigas inquietações. **O que eu desejo, afinal?** Embora os temas escolhidos anteriormente para pesquisar e discorrer a respeito tenham perdido o sentido no momento presente, preservo algum vislumbre de um futuro como profissional psi. Seguro-o com um misto de força e delicadeza em minhas mãos, para que não escape ou se estilhace em pedaços irredutíveis. Volto a me aproximar, com cuidado, de leituras acadêmicas que possam me entreter. Tento pescar e mesclar suas peculiaridades em meus pensamentos. Família, amigos, professores, políticos, mundo: quais são seus lances e apostas? Não eram vocês que agenciavam meus desejos para que eu seja alguém socialmente estável? **Não tenho certeza do que esperam de mim, mas tenho certeza de que estou indo no caminho oposto ao que quer que seja.** É possível um processo de elaboração em tempo real? Lanço-me na possibilidade de uma escrita tomada pelos afetos. Pauta quente. Fatos crus. Não pretendo divulgar dados científicos, nem postular verdades atemporais, nem responder grandiosos mistérios. Uma miscelânea de escritos, imagens, sons. Compartilhamento de desassossegos. “As sociedades modernas, caracterizadas pela mobilidade social e pela crescente liberdade nas escolhas individuais, tornaram as condições da inclusão e as regras de convívio cada vez mais abstratas. A complexidade das estruturas simbólicas, a partir dos primórdios do capitalismo, tornou o campo do Outro inacessível ao saber (consciente) dos sujeitos sociais”¹³. Dizem que o valor está no trabalho. Mas o trabalho já não é como antes. O que está em jogo é a produtividade, de qualquer forma. Entretanto, o que é produzir? Preciso produzir algo além do que já tenho? Produzimos ou reproduzimos? O que é ser produtivo na academia?

¹³ KEHL, 2009, p. 45



já perdi toda a alegria de fazer meu tic-tac dia e noite, noite e dia. (vinicius de Moraes)

pro.du.zir - verbo transitivo direto ou intransitivo

1 Dar existência ou origem a.

2 Fazer bens úteis que atendam às necessidades do homem; fabricar, manufaturar.

3 Criar, utilizando imaginação e talento.

5 Ser a causa de.

6 Ter como resultado ou consequência.¹⁴

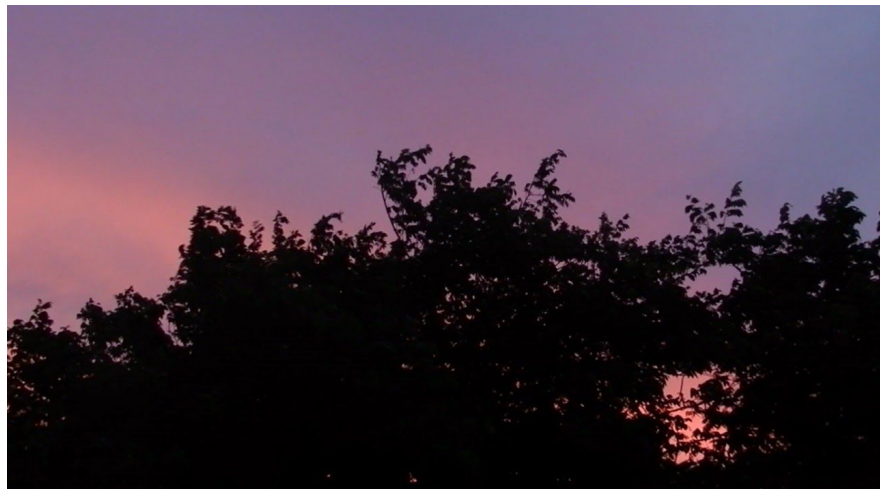
“A universidade brasileira e os centros de pesquisa parecem também não estar isentos do *modus operandi* da produção industrial”¹⁵. A avaliação do desempenho de professores e pesquisadores está totalmente atrelada a seu nível de produtividade. Produtividade que é calculada pelo número de publicações feitas anualmente, sendo os periódicos ainda classificados por indicativos de *qualidade*. Lecionar é uma penalidade. Menos *papers*, mais turmas. Certamente, essa lógica de produtivismo e competitividade é repassada de docentes a discentes. “Para além do sofrimento desencadeado pela vontade de conhecer em circunstâncias nas quais se é compelido a produzir em um tempo incompatível com o ato mesmo da investigação, o tédio se revela como o efeito mais daninho do produtivismo, pois se apoia no sacrifício do desejo de conhecer”¹⁶.

¹⁴ MICHAELIS

¹⁵ SILVA, MASSOLA & FRELLER, 2018, p. 153

¹⁶ SILVA, MASSOLA & FRELLER, 2018, p. 158

Não posso ignorar que faço parte dessa trama. Também me enredo na lógica de *não desperdiçar o tempo*. Porém, o sintoma que isso me gera nada mais é do que uma crítica ao próprio sistema. **O tempo do processo criativo é necessário e indefinido.** Somos convencidos a não aceitar essa brecha de *liberdade*. Aonde chegamos com nosso movimento retilíneo uniforme de irreflexão? Eu não ousaria esquecer-me do sofisma laciano dos três tempos agora. Instante de ver (instantâneo), tempo de compreender (meditação), momento de concluir (acontecimento). Caminho *lógico* rumo à “posse de uma certeza nunca inteiramente garantida a respeito de si mesmo”¹⁷. Abdicar da compreensão é ser passivo diante da própria capacidade de tomar decisões: modo automático. “Não existe medida razoável para a duração intermediária. Esta, durante a qual o sujeito se desprende das identificações e se apropria por sua conta e risco do saber inconsciente, não é, nem pode ser, referida à demanda apressada do Outro”¹⁸. O tempo do inconsciente é singular e impossível de ser (pré) determinado. A “meditação não protege o sujeito contra a falta: falta de verdade, falta de saber. Mas a chance de vir a saber exige que se suporte tal enfrentamento necessário com a angústia”¹⁹. Se renuncio a *experiência* do tempo lógico, o que é o *kronos* que pauta minhas *vivências*²⁰? O que é o tempo cronológico? Como foi criado? E por que continuo à sua servidão?



fim da tarde, a terra cora, e a gente chora porque finda a tarde. (caetano veloso)

¹⁷ KEHL, 2009, p. 114

¹⁸ KEHL, 2009, p. 118

¹⁹ KEHL, 2009, p. 120

²⁰ BENJAMIN *apud* FREITAS, 2014

tem.po – substantivo masculino

- 1 Período de momentos, de horas, de dias, de semanas, de meses, de anos etc. no qual os eventos se sucedem, dando-se a noção de presente, passado e futuro.*
- 2 Período mais ou menos extenso, levando-se em consideração os acontecimentos nele ocorridos; época.*
- 3 Certo período da vida ou da história que se diferencia de outros.*
- 4 Período em que se vive; momento atual.*
- 5 Momento propício para a realização de alguma coisa.*
- 6 Período não definido, geralmente com implicação de futuro.²¹*

Babilônios dividiram o tempo em parcelas duodecimais e sexagesimais. Romanos definiram o calendário anual de 12 meses, com 365 dias. Egípcios, hebreus e sumérios utilizaram os planetas e as fases da lua para organizar o ciclo semanal de 7 dias. Milênio. Século. Década. Ano. Mês. Dia. Hora. Minuto. Segundo. Microsegundo. Femtossegundo. Atossegundo. Sistema Internacional de Unidades: ocidental, europeu e cristão. Tempo da caça, tempo da colheita, tempo do ritual. Alvorecer, zênite, crepúsculo, breu. Lua nova, lua crescente, lua cheia, lua minguante. Verão, outono, inverno, primavera. Cronometrar. Relógio de sol, clepsidra, ampulheta, vela, pêndulo, átomo, Badalar dos sinos. Acordar, trabalhar, comer, rezar, dormir.



quando à noite, a lua amansa, e a gente dança venerando a noite. (caetano veloso)

²¹ MICHAELIS

Enfraquecimento da Igreja, auge do antropocentrismo-racionalismo, descrença na eternidade, morte implacável, presente urgente: o tempo irreversível. Assim, ele recebeu sua propriedade “linear, percebido como fluxo mensurável, divisível, homogêneo, uniforme, arimetizado”²². O tempo como o conhecemos hoje foi concebido junto à modernidade. “Aprendemos sobre astrônomos que mediam distâncias e a velocidade dos corpos celestes, sobre Newton calculando as relações exatas entre a aceleração e a distância percorrida pelo ‘corpo físico’ e seus enormes esforços para expressar tudo isso em números”²³. O estopim para isso foi a criação de meios de transporte mais velozes do que os corpos humanos e animais, a partir das tecnologias do vapor e do motor de explosão. **O tempo das pernas - e o tempo das mãos - foi substituído pelo tempo das máquinas. Novos parâmetros para os tempos viajantes.** A significação do capitalismo industrial passava pela “crença na possibilidade de um progresso sem limites, conduzido pela razão humana”²⁴ e consequente acumulação irrestrita de produto. Em vistas de lucrar, aperfeiçoar os instrumentos através do “desenho de modos de realizar mais rapidamente as tarefas, eliminando assim o tempo ‘improdutivo’, ocioso, vazio e, portanto, desperdiçado”²⁵.



não deixe nada pra depois, não deixe o tempo passar! não deixe nada pra semana que vem. (pitty)

²² AUGUSTO, 1994, p. 161

²³ BAUMAN, 2001, p. 128-129

²⁴ AUGUSTO, 1994, p. 159

²⁵ WEBER *apud* BAUMAN, 2001, p. 131

Primeira etapa da modernidade: pesada, *hardware*, zelo pelo volume/tamanho/espço, fábricas monumentais e protegidas, enclausuramento de operários. Taylorismo e Fordismo. Padronização, divisão de tarefas, repetição, produção em massa, acúmulo de estoques. Segunda etapa da modernidade: leve, *software*, instantaneidade, trabalho sem corpo. Toyotismo. Flexibilidade, relação oferta-procura, *just in time*, multitarefas. Tecnologização, desregulamentação, terceirização. “A mudança em questão é a nova irrelevância do espaço, disfarçada de aniquilação do tempo. (...) O espaço não impõe mais limites à ação e seus efeitos”²⁶. O instantâneo ainda não foi totalmente concretizado, é apenas um horizonte. A instantaneidade não deixa de representar um tempo inconsequente. Sujeitos rapidamente exaustos e desinteressados. *Thank you, next*. “A instantaneidade (anulação da resistência do espaço e liquefação da materialidade dos objetos) faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita; e a capacidade infinita significa que não há limites ao que pode ser extraído de qualquer momento - por mais breve e ‘fugaz’ que seja”²⁷.

*Tu ne quaesieris, scire nefas, quem mihi, quem tibi
finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios
temptaris numeros. ut melius, quidquid erit, pati.
seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,
quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare
Tyrrhenum: sapias, vina liques, et spatio brevi
spem longam reseces. dum loquimur, fugerit invida
aetas: **carpe diem quam minimum credula postero**²⁸*

“Toda ordem social é marcada, à sua maneira, pelo controle do tempo”²⁹. **Estou cercada de relógios que me lembram da passagem do tempo.** Computador, televisão, microondas, celular. Meu olhar se esforça, sem sucesso, a se poupar de verificá-los. Observo meu cachorro e ele é mais dono do próprio tempo do que eu. Eu apenas sigo um script.

²⁶ BAUMAN, 2001, p. 136

²⁷ BAUMAN, 2001, p. 145

²⁸ FLACCUS, [S.I.]

²⁹ KEHL, 2009, p. 111

“O sujeito do desejo, em psicanálise, é um intervalo sempre em aberto, que pulsa entre o tempo próprio da pulsão e o tempo urgente da demanda do Outro”³⁰. Sou alienada. Todos somos. Sempre ouço: *correr contra o tempo; perder tempo; parar o tempo*. Contudo, o tempo não está sob nosso controle. **Temos dias úteis. E dias inúteis? (In)úteis para quê? Para quem?** O mesmo tempo que regula e estrutura o trabalho e a produção, também está presente na organização das *futilidades* do cotidiano. “Não me refiro ao ócio, essa forma de passar o tempo tão desmoralizada em nossos dias, mas às atividades de lazer, marcadas pela compulsão incansável de produzir resultados, comprovações, *efeitos* de diversão, que tornam a experiência do tempo de lazer tão cansativa e vazia quanto a do tempo da produção”³¹. Encaro os dias pela frente e suas horas estão esvaziadas de compromissos. Preciso preenchê-las e, assim, aproveitar essa rara chance com que as condições (dos privilegiados) me presentearam. “Mesmo onde o encantamento se atenua e as pessoas estão ao menos subjetivamente convictas de que agem por vontade própria, essa vontade é modelada por aquilo de que desejam estar livres fora do horário de trabalho”³². Exercícios aeróbicos *online*, dança, livros, séries. Em quantos dias minha barriga vai diminuir? Vou publicar um vídeo com esse novo *asana* que aprendi. Consigo ler dois livros ao mesmo tempo? Estou vendo essa série que é mais política e essa outra de romance adolescente, equilíbrio é tudo (*risos*). “Formas de vida social organizada segundo o regime do lucro. (...) Satisfações compensatórias institucionalizadas”³³. Acordar, passear com o cachorro, tomar café com leite, praticar yoga, almoçar, lavar a louça (ouvindo um *podcast*), ler, limpar algum cômodo da casa, escrever, tomar banho, jantar, conversar, ver série, ler. O dia está acabando. Dormir. Tudo de novo. “Se o tempo não ocupado pelo trabalho, que poderia ser livre, não o é precisamente porque é organizado conforme a racionalidade que organiza a produção, (...) também as qualidades do pensamento, que se sustentam na liberdade de espírito, como a criatividade e a fantasia, (...) são impedidas de se desenvolverem”³⁴. A pausa do trabalho não é a mesma da

³⁰ KEHL, 2009, p. 112

³¹ KEHL, 2009, p. 125

³² ADORNO, 1969/1995, p. 63

³³ ADORNO, 1969/1995, p. 65-69

³⁴ SILVA, MASSOLA & FRELLER, 2018, p. 157

produção. Produzo conteúdo, produzo *likes*, produzo capital. Mas qual será a contrapartida? Sujeitos como produto-mercadoria. Fetiches autocentrados. **Produzir a si mesmo.** Quais são seus objetivos? Por que aprimorar(-se)? A promessa da autonomia e da liberdade modernas transfigura-se em individualismo e alienação. Tempos de eficiência e utilitarismo. “Liberdade organizada é coercitiva”³⁵. Solidão em meio à multidão. Cada um por si: quem de nós será por todos? Vivo “uma versão individualizada e privatizada da modernidade, e o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os (*meus*) ombros”³⁶. O fracasso pesa demais. Inunda para além dos ombros. A gravidade tem seu efeito. O corpo afunda na cama. Cai devagar num buraco invisível e sem fundo. Para dentro de si.



e o que foi prometido ninguém prometeu, nem foi tempo perdido. somos tão jovens. (renato russo)

de.pres.são - substantivo feminino

6 ECONOMIA *Período de declínio acentuado caracterizado por queda no consumo, na produção e na taxa de emprego.*

12 PSICOLOGIA *Distúrbio caracterizado por abatimento, perda de interesse, falta de concentração, baixa autoestima e alterações psíquicas, resultante de fracassos ou decepções, estresse físico ou mental, problemas reais ou imaginários, entre outras causas.³⁷*

³⁵ ADORNO, 1969/1995, p. 65

³⁶ BAUMAN, 2001, p. 14

³⁷ MICHAELIS

Ler e escrever sobre a depressão é uma constante luta para não retornar ao seu estado de paralisia e marasmo, mesmo admitindo sua potência. **Não quero pensar a depressão como diagnóstico, mas como comportamento de resistência perante o sucesso inatingível.** “Como sintoma social, é aquilo que resiste – ao imperativo do gozo, à fé na felicidade consumista, à própria oferta de possibilidades de traição da via desejante”³⁸. A persistência da inadaptabilidade revela uma “memória recalcada de outra temporalidade”³⁹. **Um brinde a todos que tiveram a coragem de desistir. Desistir também é resistir.** Contudo, a desistência tem seu preço. Dedos apontados. Até mesmo no submundo de anônimos virtuais, sou cobrada por aquilo que não faço. Sintoma-mãe de posição (auto) crítica, a melancolia pode ser uma ferramenta de retirada subjetiva temporária necessária para observar o contexto social – desde que haja a *trans-forma-ção* dos afetos. Dar-se conta da substituição de conflito real por conflito imaginário. O que deixei pra trás? O que perdi que me faz tanta falta? É necessário ter cautela para não reproduzir as generalizações e os dualismos de sempre: não é preciso estar triste para ser improdutivo, nem estar feliz para ser produtivo. Somos muito mais complexos. Vamos desmembrar os rótulos.

7 sinais de que você é uma das vítimas da síndrome do impostor:

- 1. Você se tornou um workaholic insano.*
- 2. Ou você tem se esforçado menos?*
- 3. Você adota a discrição absoluta ou, quando ser discreto não resolve, parte para mudanças desenfreadas.*
- 4. Você usa o seu carisma para conseguir aprovação.*
- 5. Você procrastina tudo que pode.*
- 6. Você nunca termina nada.*
- 7. Você apela para a auto sabotagem no trabalho.⁴⁰*

³⁸ KEHL, 2009, p. 103

³⁹ KEHL, 2009, p. 125

⁴⁰ HUFFPOST

Procrastinadores, uni-vos. “*Cras*, em latim, quer dizer ‘amanhã’. (...) *Pro*-crastinar é pôr alguma coisa entre as coisas que pertencem ao amanhã”⁴¹. Desvencilhamento da urgência do presente, afrouxamento das correias, desaceleração da engrenagem. Driblando o espetáculo do imediatismo. Fuga da responsabilização? Farrapos de *des*-culpabilização? “*Não* tomar as coisas como elas vêm, *não* agir segundo uma sucessão natural de coisas. (...) Não é uma questão de displicência, indolência ou lassidão; é uma posição *ativa*, uma tentativa de assumir o controle da sequência de eventos e fazê-la diferente do que seria caso se ficasse dócil e não se resistisse”⁴². Autoproteção. Ação na inatividade. Vadiagem. Perder tempo, produto, dinheiro. *Operações de regulação* para que o próprio sujeito possa “assegurar a continuidade da tarefa e a proteção da vida mental”⁴³. Pausas na repetição. Lentidão nos movimentos. Declínio das taxas. O capitalismo “só se detém na diversidade insólita destes modos operatórios para condenar os mais lentos, sem se interrogar sobre as razões desta variabilidade atribuída implicitamente à burrice ou à má vontade dos menos rápidos”⁴⁴. A *organização científica do trabalho* comprovou a eficiência da agilidade. Liberdade criativa e *know-how* - atividades intelectuais amortecedoras - são extorquidos do trabalhador. Hierarquia, vigilância, comando: controle. Você “está desesperadamente só. (...) Tem que encontrar a ajuda, o ‘truque’ que lhe permitirá ganhar algumas dezenas de segundos no ciclo operatório. A ansiedade, o tédio frente à tarefa, (...) deverá assumi-los individualmente”⁴⁵. **Os finos fios que sustentam e manipulam as ações das marionetes, com o tempo, podem se desgastar e arrebentar.** “Do choque entre um indivíduo, dotado de uma história *personalizada*, e a organização do trabalho, portadora de uma injunção *despersonalizante*, emergem uma vivência e um sofrimento”⁴⁶. Para uma subordinação adequada, lembre-se de sempre levar seu cronômetro do trabalho à sua casa. Auto impedimento de espontaneidades. Retroalimentação da alienação.

⁴¹ BAUMAN, 2001, p. 178

⁴² BAUMAN, 2001, p. 179

⁴³ DEJOURS, 1987, p. 37

⁴⁴ DEJOURS, 1987, p. 38

⁴⁵ DEJOURS, 1987, p. 39

⁴⁶ DEJOURS, 1987, p. 43

“A injustiça quer que, no fim, o próprio operário torne-se o artesão de seu sofrimento”⁴⁷. Sociedade que alimenta o desamparo através de uma política da melancolização⁴⁸. Alimenta sujeitos com atitude complacente, de desresponsabilização social. Sempre retornando as dores para si, ensimesmados. Terreno fértil para idealizações extremas.



quero assistir ao sol nascer, ver as águas dos rios correr, ouvir os pássaros cantar. eu quero nascer, quero viver. (cartola)

A pandemia que alastrou-se nos últimos meses nos colocou (quase todos) face à finitude - fim da vida, fim da esperança, fim do futuro previsível. “É bem possível que a aproximação da morte, seu gesto soberano, sua proeminência na memória dos homens cavem no ser e no presente o vazio a partir do qual e em direção ao qual se fala”⁴⁹. Assim como Jaromir Hladik, recebi um milagre secreto divino. Uma drástica mudança na percepção temporal no tortuoso caminho em direção ao fim (de um trajeto formativo, de uma fase, de um ciclo). Da perplexidade, passei “ao estupor, do estupor à resignação, da resignação à súbita gratidão”⁵⁰. **Não possuo em minhas mãos outro material senão a memória** - do que foi, do que é, do que será.

⁴⁷ DEJOURS, 1987, p. 47

⁴⁸ DUNKER, 2019(1)

⁴⁹ FOUCAULT, 1963/2009, p. 47

⁵⁰ BORGES, 1944, [S.I.]

Já sinto a pressão de retornar ao *modus operandi* anterior aumentando gradualmente. Mas não vou me esquecer desse lapso (im)produtivo tão cedo. “Todos aprendemos às nossas próprias custas que mesmo os planos mais cuidadosos e elaborados têm a desagradável tendência de frustrar-se e produzir resultados muito distantes do esperado; que nossos indigentes esforços de ‘pôr ordem nas coisas’ frequentemente resultam em mais caos, desordem e confusão; e que nosso trabalho para eliminar o acidente e a contingência é pouco mais que um jogo de azar”⁵¹. Observo a contradição: paralisia que gera movimento, pausa que rende produção. Paradoxo: arromba, viola, perturba. Desfaz “a tranquilidade com que nos reconhecemos em meio às coisas”⁵². **O imprevisto é momento de improviso.** Tempo curto-longo, zona de risco. Para além do verbo, pois, em tempos de audiovisual, escrever não basta. Quebro o estado de impossibilidade do devir com meu testemunho pessoal-político-histórico. Causar perplexidade através da superação do absurdo abre espaço para o luto (e a luta). O que é subjetivamente inegociável? Do que não posso abrir mão? Arte. “Assim como cabe à linguagem dizer o indizível que no entanto só ela pode dizer, assim como compete à memória roçar o imemorial que no entanto só ela pode lembrar, assim como cada faculdade deve atingir o seu limite (sentir o insensível, imaginar o inimaginável etc.), também cabe ao pensamento pensar o impensável que no entanto só ele pode pensar”⁵³. É tempo de se aventurar com as *improbabilidades*. Apesar de ainda temer a queda, encaro e sigo andando em frente (com cuidado) pela estreita linha de minha corda bamba. E é justamente dos passos dessa trilha um tanto quanto *desequilibrada* que preciso falar. Com o paradoxo, emerge “uma temporalidade outra: o tempo do pensamento, o tempo do inconsciente, o tempo do acontecimento”⁵⁴. *Acontecimentalizar*. Expressar o surgimento de uma qualidade singular. Romper com as “evidências sobre as quais se apoiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas”⁵⁵. Rompimento com a universalidade da escrita acadêmica, rompimento com a necessidade de um modo de produção padronizado.

⁵¹ BAUMAN, 2001, p. 156

⁵² PELBART, 1998, p. 63

⁵³ PELBART, 1998, p. 64

⁵⁴ PELBART, 1998, p. 64

⁵⁵ FOUCAULT, 1980/2006, p. 339

Digito na máquina, mas escolho a minha própria (des) aceleração. Escrevo recuperando o rastro de um trajeto de imagens e sons, sendo seu destino um “efeito do gesto que recorta o objeto a pesquisar. (...) Uma forma entre uma infinidade de desenhos possíveis”⁵⁶. Um processo que “não é previamente definido e nunca pode ser considerado como legitimamente concluído”⁵⁷ e um abraçar da “indiferença para com a obrigação de tudo dizer”⁵⁸. Lanço mão da atenção flutuante e da associação livre. Psicanálise, cartografia e fotografia confluem. “Paisagens psicossociais também são cartografáveis”⁵⁹. **Abertura ao desconhecido, exposição ao perigoso, foco no inesperado, contraste do tédio, saturação da loucura.** Recuperar os registros fotográficos que fiz ao longo dos últimos anos acadêmicos é essencial para simbolizar as andanças percorridas do lado de fora dos corredores da universidade. São “composições de linguagem (*que*) favorecem a passagem das intensidades que percorrem”⁶⁰ as minhas veias. Ao tentar oscilar entre movimentos de aproximação e afastamento das lentes, para a visualização e (tentativa de) compreensão das configurações codificadas que regra(va)m meus comportamentos, é também crucial “avaliar o quanto se suporta, em cada situação, o desencantamento das máscaras que estão nos constituindo, sua perda de sentido, nossa desilusão”⁶¹. Tendo em mente que “a partir de um certo limite - que o corpo vibrátil reconhece muito bem - a reatividade das forças deixa de ser reconversível em atividade e começa a agir no sentido da pura destruição de si mesmo e/ou do outro”⁶², permito-me ir cessando minha escrita, neste momento, e deixando as páginas seguintes vazias para que venham a ser preenchidas numa próxima ocasião oportuna. Levo em minha maleta a (nem tão) nova ferramenta de “vivenciar os vácuos e, de dentro deles, buscar matéria de expressão para administrar as partículas de afeto enlouquecidas, dando-lhes sentido”⁶³.

⁵⁶ SIMONI & RICKES, 2008, p. 98

⁵⁷ FOUCAULT, 1980/2006(1), p. 340.

⁵⁸ FOUCAULT, 1980/2006(2), p. 326

⁵⁹ ROLNIK, 2014, p. 23

⁶⁰ ROLNIK, 2014, p. 66

⁶¹ ROLNIK, 2014, p. 68

⁶² ROLNIK, 2014, p. 69

⁶³ ROLNIK, 2014, p. 75

A todos que me acompanham, convoco-lhes para que *lutem pelo tempo* em caráter (micro/macro) político, nos espaços designados para o trabalho e nos tantos possíveis deleites da vida privada, “através de uma gestão do tempo pessoal, que dê lugar ao imprevisto, impeça o aprisionamento que o compromisso com a agenda ocasiona, e que recuse também os mecanismos consumidores de tempo”⁶⁴. A ressignificação da tradição e dos valores é igualmente a responsabilização pelo futuro social: isso é *urgente*. A partir deste momento, vejo que o que importa não é a marca que vou deixar com este epílogo, e sim, o que ficará marcado em mim.

⁶⁴ CHESNEAUX *apud* AUGUSTO, 1994, p. 170

Agora, não entrego a vocês um Trabalho de Conclusão de Curso: **me entrego**.
Façam bom proveito.



se alguém por mim perguntar, diga que eu só vou voltar depois que me encontrar. (cartola)

Agradecimentos

À mãe, Ana Paula de Lima, pelo ventre, pela educação e pela iniciação nos universos alternativos dos livros e no refúgio das canções.

Ao pai, Ademar José Becker, pelo zelo, pelo reconhecimento e por despertar o desejo de ouvir (e contar) cada vez mais histórias de vida.

À irmã Giovanna de Lima Becker, por chegar no meio do caminho e mostrar a importância do carinho entre as pessoas e do apreço pelo mundo.

Ao companheiro, Iago Hans Escobar, pela força, pela confiança e pela aposta no amor.

À orientadora Oriana Holsbach Hadler, por aceitar o convite de última hora para esta viagem de destino incerto e por toda forma de incentivo.

À amiga Rafaela Fabricio Klein, pelos passos juntas dentro e fora da universidade.

À amiga Julia Cohen Ribeiro, pelas aventuras e por não deixar de ser criança.

À terapeuta Fernanda Buratto, pela escuta atenta de todos os afetos.

À tia-madrinha Patricia Lima Favaro e à avó Maria Nicácio de Oliveira Lima, pelo cuidado e pelas trocas à distância.

À amiga Jéssica Aguirre da Silva, pelas indicações e pelo acompanhamento dos últimos momentos.

Ao Luciano Bedin da Costa, pela abertura ao desconhecido.

Aos amigos Nicolás Lobato de Souza e Leonardo Borges, por partilharem esperanças e devaneios.

À professora Fernanda Raiol, por me guiar pelo tempo da meditação.

A todas escritoras e todos escritores, pelo verbo.

A todas e todos artistas musicais, pela sonoridade.

A todas e todos familiares, pela raízes.

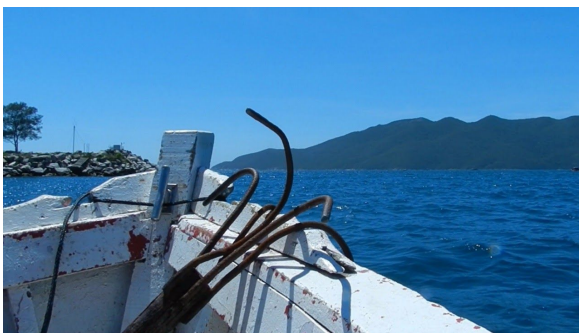
A todas amigas e todos amigos, pelas asas para voar.

Catálogo de Imagens

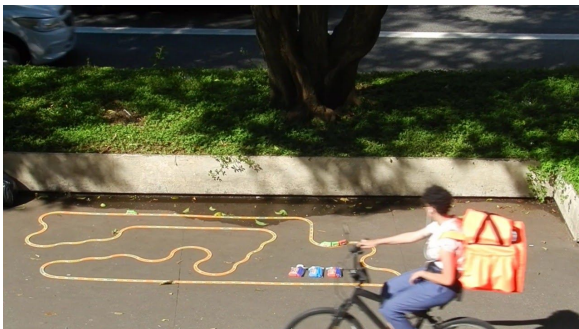
Todas as imagens utilizadas neste trabalho são de meu acervo pessoal, extraídas diretamente dos vídeos de autoria própria (gravados entre os anos de 2014 e 2020, período do curso de graduação em Psicologia na UFRGS), utilizados como material para compor o *filme-ensaio* (experiência audiovisual completa) que é produto final do Trabalho de Conclusão de Curso. Abaixo, a listagem de lugares e momentos referentes a cada uma das fotografias.



São Paulo/SP - janeiro de 2018



Arraial do Cabo/RJ - janeiro de 2017



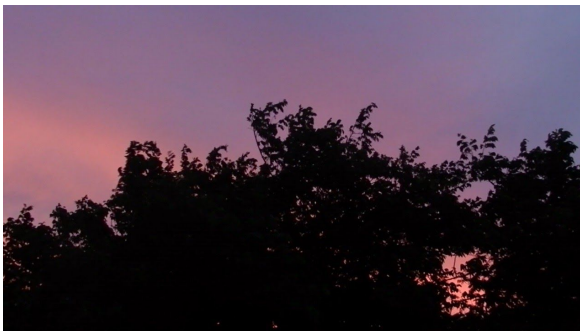
São Paulo/SP - fevereiro de 2019



São Paulo/SP - julho de 2018



Niterói/RJ - setembro de 2016



Porto Alegre/RS - fevereiro de 2019



Porto Alegre/RS - maio de 2020



São Paulo/SP - outubro de 2016



São Paulo/SP - fevereiro de 2019



Três Coroas/RS - setembro de 2020



Canela/RS - setembro de 2020

Referências (não apenas) Bibliográficas

ADORNO, Theodor. Tempo livre (1969). *In*: ADORNO, Theodor. **Palavras e sinais**. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995. p.

ARNALDO ANTUNES. Meu coração. **Iê Iê Iê**. São Paulo: Rosa Celeste, 2009.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Tempo e indivíduo no mundo contemporâneo: o sentido da morte. **Psicologia USP**, São Paulo, 5 (½), 1994. p. 157-172.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BORGES, Jorge Luis. O milagre secreto (1941). *In*: BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. [S.I.], 1944.

CAETANO VELOSO. Canto do Povo de um Lugar. **Jóia**. São Paulo: Polygram, 1975.

CARTOLA. Preciso me encontrar. **Cartola II**. Rio de Janeiro: Discos Marcus Pereira, 1976.

CHICO BUARQUE. Vai trabalhar vagabundo. **Meus Caros Amigos**. São Paulo: Phonogram, 1976.

DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. Tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. São Paulo: Cortez - Oboré, 1987.

DUNKER, Christian. A sociedade melancólica - Christian Dunker - Falando nIsso 247. 2019. (13min39s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KuhMoXJQnAA>> Acesso em 04 out. 2020.

DUNKER, Christian. Insônia e terror noturno - Christian Dunker - Falando nIsso 136. 2017. (9m27s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TDl9baFopYU>> Acesso em: 04 out. 2020.

DUNKER, Christian. Neoliberalismo e sofrimento - Christian Dunker - Falando n'isso 254. 2019. (17m31s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iK5ECANUhJo>> Acesso em: 04 out. 2020.

ESTADÃO. Bolsonaro e o coronavírus: veja falas do presidente sobre a pandemia. 2020. (2m13s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T_kl-EMGkOw> Acesso em: 09 nov. 2020.

FLACCUS, Quintus Horatius. **Odes I**. [S.l.].

FOUCAULT, Michel. A Linguagem ao Infinito (1963) *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2009.

FOUCAULT, Michel. A Poeira e a Nuvem (1980) *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV - Estratégia, Poder-Saber**. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.

FOUCAULT, Michel. Mesa-redonda em 20 de Maio de 1978 (1980) *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV- Estratégia, Poder-Saber**. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.

FREITAS, Tatiana Maria Gandelman de. *Erfahrung e Erlebnis* em Walter Benjamin. **Revista Garrafa**, Rio de Janeiro, 33, p. 72-87, 2014.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas Volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 171-194.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas Volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências**

introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-122.

HUFFPOST. “7 sinais de que você é uma das vítimas da síndrome do impostor”. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2014/04/07/7-sinais-de-que-voce-e-uma-das-vitimas-da-sindrome-do-impostor_n_5106396.html?guccounter=1&guce_referrer=aHRocHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS8&guce_referrer_sig=AQAAAIOWAjiyDzjQdEQmwjcf54aBHvUoNjLwNprZNfxUGqyoPK-rNcvNfTDYMZhbfKfe1ZLosQ1MEDr-FNJFTtltrlgDS4pePkkEEBr4ySN4jO9FhW1RjxNQ5oeoF_TayxkCz6SHSJdo2zdNE6iTWyF8oe4YxJCyKDNKf9W2uo3PQajy> Acesso em: 04 out. 2020.

IORC, Tiago. Tempo Perdido. **Trilha Sonora 'Os Dias Eram Assim'**. Música original de Renato Russo. Rio de Janeiro: Som Livre, 2017.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**. Tradução de Malvina do Amaral Dorneles. Porto Alegre, 28(2), jul/dez 2003. p. 101-115.

MEDLEY. Depressão: o mal econômico do século? [S.I.]. Disponível em: <<https://www.medley.com.br/podecontar/quero-ajudar/mal-economico-do-seculo>> Acesso em: 04 out 2020.

MICHAELIS. Dicionário Michaelis Online. [S.I.] Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br>> Acesso em: 04 out 2020.

PELBART, Peter Pál. **O Tempo Não-Reconciliado: imagens de tempo em Deleuze**. São Paulo: Perspectiva, FAPESP, 1998.

PEREIRA, Mara Dantas; OLIVEIRA, Leonita Chagas; PEREIRA, Míria Dantas et al. A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. Artigo enviado para **Revista Research, Society and Development**. Disponível em:

<<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/493/version/503/625/640>> Acesso em: 04 out. 2020.

PITTY. Semana que vem. **Admirável Chip Novo**. Rio de Janeiro: DeckDisc, 2003.

RECORD NEWS. OMS alerta para possível surto de novo vírus descoberto na China. 2020. (2m6s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Jj4KXvTOtDs>> Acesso em: 09 nov. 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014. 247 pp.

SILVA, Pedro Fernando da; MASSOLA, Gustavo Martineli; FRELLER, Cintia Copit. A produtividade acadêmica como imperativo moral: do sofrimento ao tédio. **Psicologia USP**. São Paulo, 29(2), 2018, p. 153-158.

SIMONI, Ana Carolina Rios; RICKES, Simone Moschen. Do (des)encontro como método. **Currículo sem Fronteiras**, 8(2), Jul/Dez 2008. p. 97-113.

TROCO EM BALA. O céu. **Agreste**. Maceió: Troco em bala, 2015.

WALTER FRANCO. O relógio. **A Arca de Noé**. São Paulo: Polygram, 1980.

ZÉ MIGUEL WISNIK. Tempo sem tempo. **Pérolas aos Poucos**. Salvador: Maianga Discos, 2003.